



## HANSENÍASE NOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE SAÚDE DO EXTREMO OESTE DE SANTA CATARINA, NO PERÍODO DE 2017 A 2022.

Ana Vitória Lorenski<sup>1</sup>, Pâmela Camila Feyh<sup>2</sup>, Joéli Cristiane Petry<sup>3</sup>, Sirlei Favero Cetolin<sup>4</sup>

1. Discente do curso de graduação em Enfermagem, Unoesc, São Miguel do Oeste, SC
2. Discente do curso de graduação em Psicologia, Unoesc, São Miguel do Oeste, SC
3. Mestre em Biociências e Saúde, Unoesc, Joaçaba, SC
4. Docente do Programa de Pós-graduação em Biociências e Saúde, Unoesc, Joaçaba, SC

**Autor correspondente:** Pâmela Camila Feyh , pamelafeyh@hotmail.com

**Área:** Ciências da Vida e Saúde

**Introdução:** A hanseníase é uma das patologias mais antigas que acomete o homem. Causada pelo *Mycobacterium leprae*, a doença afeta os nervos periféricos, mucosas e pele, e quando não diagnosticada e tratada pode acarretar em neuropatias periféricas, incapacidade física e deformidades. **Objetivo:** Fez-se um estudo com o objetivo de analisar dados epidemiológicos da hanseníase na Região de Saúde do Extremo Oeste de Santa Catarina no período de 2017 a 2022. **Método:** A pesquisa realizada foi do tipo descritiva, de natureza quantitativa. Utilizou-se como instrumento os dados da hanseníase dos 30 municípios pertencentes a Região. Os dados foram obtidos, entre os meses de março e outubro de 2023, através do banco de Informações de Saúde do Ministério da Saúde (DATASUS/MS). Sendo analisadas as variáveis: sexo, escolaridade, raça, esquema terapêutico, classe operacional diagnosticada e forma clínica notificada. As informações foram obtidas de fonte secundária, de domínio público e com acesso irrestrito. **Resultados:** Observou-se um aumento nos casos no decorrer dos anos, com maior incidência entre indivíduos com baixa escolaridade e classe socioeconômica desfavorecida. Com uma elevação dos números tanto no masculino quanto no feminino comparado-se o ano de 2017 ao ano de 2022, sendo que, no ano de 2020 teve uma diminuição, porém com aumento nos anos seguintes. O total de casos por raça é menor entre os amarelos, pretos e pardos, em relação aos brancos. O total absoluto de casos é maior no sexo feminino na forma DIMORFA com 37 masculinos 32 casos femininos, seguidos pelo masculino na forma VIRCHOWIANA com 37 casos e femininos com 5, os NÃO CLASSIFICADOS com 8 masculinos e 1 feminino, na forma INDETERMINADA com 6 masculinos e 4 femininos, seguidos pela forma TUBERCULOIDE com 3 masculinos e 1 feminino, já os IGNORADOS com 2 masculinos e 1 feminino. O tratamento predominante foi o multibacilar. **Conclusão:** Apesar dos avanços na busca da erradicação da Hanseníase, a doença ainda continua ocupando lugar de destaque no cenário de doenças infectocontagiosas no Brasil, sendo considerada como um grave problema de saúde pública em países em desenvolvimento. Os achados deste estudo reforçam a necessidade da realização de mais pesquisas regionais para a compreensão dos fatores que contribuem para a manutenção da endemia. Ações de vigilância epidemiológica e o processo de descentralização devem ser intensificados na região, para prevenção, diagnóstico e tratamento precoce, evitando as incapacidades e deformidades na hanseníase.

**Palavras-chave:** Saúde Pública; Doenças negligenciadas; Hanseníase.

**Agradecimentos:** As autoras agradecem ao Programa de Bolsas Universitárias do Estado de Santa Catarina (UNIEDU) pela concessão de Bolsa de Iniciação Científica.